

Quando Bion (1970/2006) nos propõe a abstenção de memória, desejo, sensorio e entendimento como condição necessária à apreensão do fenômeno psíquico na situação analítica – “apreciação vívida dos fatos emocionais”, em suas palavras – inaugura um ponto capital de distinção entre uma atividade *sobre* psicanálise e uma atividade que é psicanálise. Do mesmo modo, diferencia-se psicanálise – única, singular, na vivência da experiência emocional do par analítico – de falar *sobre* psicanálise.

José Paz (2001)¹ assim comenta:

Mestre Eckhart distingue Deus de Deidade. Deus é tudo que dele *falamos e pensamos*². A Deidade é aquilo que na realidade Ele é. Deus estaria no vértice teológico. Alcançar a Deidade implicaria uma teologia negativa em que se desse o despojamento da ideia de Deus. Ter-se-ia de abandonar a crença e caminhar na fé rumo ao mistério. Seria este o caminho do místico. O caminho no mistério. Seria este o caminho do analista, o caminho do analisando, o curso da Análise, o caldo das Transformações “em direção a O” e “de acordo com O”. (p.50)

Crença/Fé; falar, pensar sobre, conhecer/ser, K/O; duas dimensões aí delineadas intrínsecas à psicanálise a que também podemos referir crença e fé. A crença, religiosa ou não, pertence ao domínio do conhecimento (K), a fé, ao domínio do ser (O); a crença, ao domínio do sensorio, do cognoscível, passível de enunciação, inscrita na ordem temporal, finita; a fé, afeita ao domínio do não sensorial, do inefável, do atemporal, do mistério, do infinito.

Bion (1970/2006), ao postular fé (F) – fé na realidade última e verdade – como o estado de mente convocado a substituir memórias e desejos, um dos pressupostos que o orienta é a necessária qualidade de insaturação da fé:

Outra fonte de distorção é a tendência de vincular F com o sobrenatural por falta de experiência do “natural” relacionado a F. A tendência é introduzir um deus ou diabo que F vai revelar

(ou que vai evoluir a partir de O). O elemento F, que precisaria ser mantido insaturado, satura-se e não serve mais para seu objetivo. (p.61)

Sob outro vértice: “A fé subsiste além das provas. No ponto em que terminam para o pensamento todas as possibilidades, revelam-se para a fé possibilidades novas.” (Kierkegaard, 1849/1969, p. 20)

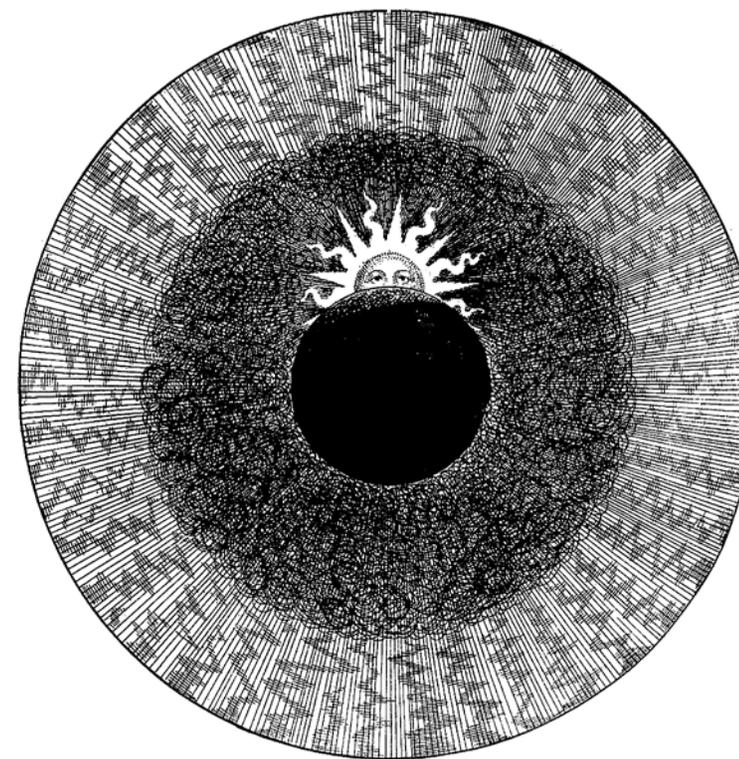
F se manifesta em *ato* – o *ato de fé*; uma atitude mental, e como tal, nós propomos e acima referimos, um elemento da psicanálise. Mas é também um estado de mente científica, artística, matemática, que nos permite criar, seja qual for o campo; portanto, essencial fator da criatividade humana, principal expressão da liberdade do homem, livre da escravidão de deuses e demônios.

Referências

- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro: O passado apresentado* (vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991).
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Freud, S. (1971). Neurosis and psychosis. Em J. Strachey (ed.), *Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (vol.19) Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Kierkegaard, S. (1969). *Tratado do desespero*. Tradução de José Xavier de Melo Carneiro, Brasília: Coordenada- Ed. de Brasília. (Trabalho original publicado em 1849).
- Marinho, F. e N. (2015). O ato de fé. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, São Paulo em 2015. Trabalho inédito Mimeo. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Marinho, F. e N. (2016). Incorporação. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Latino Americano de Psicanálise, Cartagena em 2016. Trabalho inédito. Mimeo. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Paz, J. M. G. (2001). *O canto do bode. Uma análise trágica sobre a condição humana que, possivelmente, não é nenhuma: Uma psicanálise entre Nietzsche e Bion*. Lisboa: Teseaurius.

Jani Santamaría Linares*

O místico em busca de uma sessão



Melanie Klein (1946/1995) advertiu que quando os pacientes têm críticas ao analista, além das resistências, devem ter tido algumas razões para fazê-lo.

Em uma tarde de outono, Luísa chega ao consultório; comentou que recentemente tinha se mudado para a cidade e o sentimento de estranhamento misturava-se com medo. Conta que lhe garantiram que “nesta casa vivia um espírito” e, angustiada, acrescentou: “Sei que vocês, os psicanalistas, não são religiosos nem creem em nada místico, mas vou te contar...”

A sua dor me comoveu, o comentário sobre o “psicanalista cético” me marcou; não era a primeira vez que o havia escutado, alguns pacientes “confessam”: “Não queria te contar isto, me falaram que os psicanalistas não gostam destes temas sobre religião, espiritualidade, misticismo; não os consideram científicos”.

Não irei discutir os preconceitos ou concepções que acompanham a escuta analítica, apenas proponho sugerir possíveis aproximações. De fato, ciência e misticismo por muitos anos foram tratados separadamente.

1. Comentarista luso-angolano da obra de Bion. Ver Paz (2001).
2. Grifo dos autores.

* Asociación Psicoanalítica Mexicana.

Esta abordagem, tão cheia de conotações, tem limitado a riqueza e seriedade que este tema requer. *Científico* era associado exclusivamente ao “que se vê, ao que é”, e místico dava conta do desconhecido. Surgem então algumas perguntas: Existe alguma relação entre misticismo e psicanálise? De que maneira poderemos diferenciar a palavra *misticismo* da saturação das frequentes conotações de sentido religioso ou esotérico?

Na sala de análise, nos encontramos no reino do que é invisível sensorialmente, mas visível intuitivamente: trabalhamos com o que Bergstein (2018) chamou “uma justaposição entre o pensamento analítico e o misticismo” (p. 7).

O fenômeno místico tem sido objeto de estudo na reflexão psicanalítica por autores como Bergstein (2018), C. Botella e S. Botella (1989/2003), Tauszik (novembro de 2010), Eigen (2012), Levine (2018) e Bion (1970/1974, 1977/2005), entre outros. É conveniente recordar que Freud definiu a experiência mística como “sentimento oceânico”, um retorno a uma fusão narcísista dos primeiros meses onde se desarmam os limites do eu, e em 1938 compartilhou a ideia: “Misticismo é a obscura autopercepção do domínio fora do Eu, do Id”¹ (Freud, 1941 [1938]/1991a, p. 302).

Continuando com o pensamento do mestre vienense, destacarei a importância do estado místico (Bion, 1970/1974) na tarefa analítica. Meu objetivo é ressaltar a importância que tem este estado mental a partir do que escutamos e recebemos em todas as comunicações em análise. A extensão limitada do presente trabalho impõe a difícil tarefa de selecionar enlaces referentes ao tema, deste modo, não discutirei a comunicação pontual sobre a polêmica acerca da inevitável tensão que ocorre entre o místico e o grupo (Bion, 1970/1974).

O autor inglês traçou um paralelo entre

um estado mental psicanalítico e um estado mental místico. Seus aportes enriqueceram, redefiniram e ampliaram o conceito de “atenção flutuante” formulado por Freud (1912/1991b); Bion (1970/1974) escreveu que o estado mental do analista se aproximava do que Freud (Freud e Andreas-Salomé, 1966 [1912-1936]/1992) descreveu em uma carta a Andreas-Salomé, em 1916: “Sei que [ao escrever] tenho que cegar-me artificialmente a fim de focalizar a luz no ponto escuro.”² (p. 43).

Bion (Santamaría, 2019/inédito³) acrescentou que, na sua experiência, este processo possibilita a intuição de uma “evolução presente” e coloca as bases para futuras “evoluções”. A atitude psicanalítica, destacou, é semelhante à mística, é um ato deliberado, consciente, de disciplina, que depende de uma suspensão ativa de memória e desejo, é um modelo de trabalho que convida o analista e o paciente a comprometerem-se com uma experiência emocional que capture algumas chispas do incognoscível. A “cegueira artificial” aponta para uma escuta que não se preocupa com elementos perceptíveis por meio dos sentidos e está em condições de captar o que não se percebe.

Trabalhar a partir de um estado místico implica dirigir-nos a uma experiência no reino da realidade inefável, prepara o analista para o encontro com todos os terrores, as dificuldades e as belezas que toda sessão inclui, e é o estado que abre e dá espaço para cultivar as condições sob as que poderão germinar e florescer ideias novas e pensamentos selvagens (Santamaría, julho de 2018).

Na sala de análise, estamos constantemente imersos em um fluxo que Bion (1977/2005) comparou com o místico rio Alpheus (Vermote, 2017); o fluxo move-se em distintas direções, mostra turbulências e mudanças catas-

tróficas, e como em todo crescimento, nós não podemos capturá-lo através do entendimento, só podemos nos deixar experimentar por ele a partir de um estado mental místico que se aproxime ao infinito, o que significa que devemos *permitir que O encontre K*, e não se pode *tratar de fazer com* que isto ocorra, somente pode-se *deixar* que isto suceda ...

Gerar movimento psíquico a partir deste estado coloca o místico no coração da prática psicanalítica, oferece um olhar multidimensional e torna possível que o paciente caminhe até a observação de sua realidade psíquica, já que a preocupação com a realidade externa é finita, enquanto que a realidade interna é um círculo infinito (O). Nas palavras de Tabak (2005): “a teoria e o método de Bion fazem do místico um modelo de abstração das experiências que temos como psicanalistas, e não um modelo místico da psicanálise” (p. 21).

Agradeço o convite para voltar a pensar sobre um tema crucial da nossa disciplina e compartilho uma cesura, (Bion, 1962), uma pausa de uma frase de T.S. Elliot que, na minha opinião, expressa o estado mental místico que se requer para tolerar a dor inerente ao inefável na experiência emocional:

Mas a fé, o amor e a esperança permanecem todos à espera.
Espera sem pensar, pois que pronta não estás para pensar:
Assim a treva em luz se tornará, e em dança há de o repouso se tornar.⁴
T. S. Elliot, “East Coker”, *Four quartets*, 1943

Referências

Andreas-Salomé, L. (1916). “Anal” und “Sexual”. *Imago*, 4(5), 249-272.
Bergstein, A. (2018). The ineffable: Emotional truth beyond language. Londres: Karnac.
Bion, W. R. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.
Bion, W. R. (1966). Catastrophic change. *Bulletin of the British Psychoanalytical Society*, 5, 13-24.

4. N. do T.: Tradução de Ivan Junqueira. A tradução corresponde a T.S. Elliot – East Coker. Em Junqueira, I. (trad) *Obra Completa* – (vol. I), São Paulo, Editora Arx, 2004, (original publicado em 1943). Recuperado de <http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet380.htm>

Bion, W. R. (1974). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1970).
Bion, W. R. (1975). La cesura. Em W. Bion, *La tabla y la cesura*. Valencia: Gedisa.
Bion, W. R. (1992). Turbulencia emocional. Em W. Bion, *Seminarios clínicos y Cuatro textos*. Buenos Aires: Lugar. (Trabalho original publicado em 1976).
Bion, W. R. (2005). *The italian seminars*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1977).
Botella, C. y Botella, S. (2003). Mística, conocimiento y trauma. En C. Botella y S. Botella, *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1989).
Eigen, M. (2012). *Psychoanalysis and kabbalah*. Londres: Karnac.
Freud, S. (1991b). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 12, pp. 107-119). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912).
Freud, S. (1992). El malestar en la cultura. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
Freud, S. (1991a). Conclusiones, ideas, problemas. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 301-302). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).
Freud, S. y Andreas-Salome, L. (1992). *Letters* (E. Pfeiffer, ed.). Nueva York-Londres: Norton. (Trabalho original publicado em 1966 [1912-1936]).
Grotstein, J. (2007). Bion, the mathematician, theistic, the psychoanalyst. Em J. Grotstein, *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis* (pp. 102-109). Londres: Karnac.
Klein, M. (1995). Notas sobre los mecanismos esquizoides. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 3). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1946).
Levine, H. B. (2017). Is the concept of O necessary for psychoanalysis? Em H. B. Levine y G. Civtresse (ed.), *The W. Bion tradition*. Londres: Karnac.
Santamaría, J. (2019). *Intuition, knowledge and faith in the clinical situation*. (Inédito).
Santamaría, J. (julio de 2018). *The psychic birth in the clinical session*. Trabalho apresentado em Bion International Conference, Ribeirão Preto.
Tabak de Bianchedi, E. (2005). ¿El Bion de quién? ¿Quién es Bion? *Revista Chilena de Psicoanálisis*, 24(1), 19-23.
Tauszik, J. M. (novembro de 2010). *Mística, clínica e individuación*. Trabalho apresentado na Bion International Conference, Porto Alegre.
Vermote, R. (2012). Sobre el valor del último Bion en la teoría y la práctica analítica. *Libro Anual de Psicoanálisis*, 27.
Vermote, R. (2017). On Bion's text “Emotional turbulence”: A focus on experience and the unknown. Em H. B. Levine e G. Civtresse (ed.), *The W. Bion tradition*. Londres: Karnac.

1. N. do T.: Tradução de P. C. de Souza. A tradução corresponde à p. 365 de: Freud, S., (2018) Conclusões, Ideias, Problemas. Em Souza, P. C. (trad.). *Obras completas* (vol. 19). São Paulo: Cia das Letras (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).

2. N.do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à p. 237 de *Freud-Lou Andreas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

3. N. do A.: Trabalho a ser apresentado em Bion International Conference, 2020, Barcelona.